



*Qualquer tempo é tempo.
A hora mesma da morte
é hora de nascer.*

(Carlos Drummond de Andrade,
“O Sonho de Viver”)

Infância

Certo dia, em Sorocaba, no interior paulista, José Oliveira Leme e Egle Maria Vannucchi Leme, jovem casal de professores, exultaram, porque, como conta ela:

às 12h50 do dia 5 de outubro de 1950, nascia o primogênito dos meus seis filhos, Alexandre. Debruçada sobre seu berço ou tendo-o ao colo, contemplando-o embevecida e cheia de amor, ficava a imaginar seu futuro. O que a vida lhe daria ou o que faria na vida. Tão pequenino e frágil, seria tão grande quanto seu nome? O que lhe estaria reservado?

Penso que toda criatura humana vem ao mundo trazendo consigo uma mensagem a transmitir, uma missão a cumprir. Essa mensagem, acho eu, é a sua vocação, a sua opção de vida, seu ideal. Entre carinhos e cuidados, Alexandre foi crescendo. Amor foi o que não lhe faltou. Dos pais, avós, tios, dos irmãos que vinham chegando, primos, amigos, companheiros de escola. Nascido no Hospital Santo Antônio, da pequena cidade de Votorantim, então distrito de Sorocaba, passou a primeira infância, até 1961, na cidade de Itu, onde morávamos.

Como o pai trabalhava na Escola Senai de Itu, a família se estabeleceu nessa cidade vizinha, à rua Santana, 153. Lá o menino iniciou o curso primário, no Instituto de Educação “Regente Feijó”; mas, com a criação do Senai “Gaspar Ricardo Júnior” em Sorocaba e a nomeação de seu pai como instrutor chefe dessa nova escola, a família passou a viver, no final de 1961, nessa cidade, onde Alexandre terminou o primário, aprovado com média 9,1, no Grupo Escolar “Antônio Padilha”, sempre primeiro da classe em Itu e em Sorocaba. O domicílio inicial da família foi uma casa alugada, na rua Goiás, 51, travessa da avenida Eugênio Salerno. Posteriormente, os pais e os filhos, Alexandre, Maria Regina, Míriam, Maria Cristina, José Augusto e Beatriz, passaram a viver, bem perto dali, em casa própria, construída na rua Amazonas, 235.

Desde cedo, o menino revelou inteligência muito viva e aguçada sensibilidade. Estava sempre aberto a todos os conhecimentos. Criança ativa, interessava-se por tudo e, assim que foi alfabetizado, tomou um gosto enorme pela leitura. Aos 7 anos, leu toda a obra de Monteiro Lobato. Regalava-se com livros sobre animais, sobre botânica, sobre folclore, interessava-se por tudo. Era também apreciador de música,

até de música erudita. “Meus pais”, conta sua mãe, “tinham aquela rádiovitrola bem grande, e ele, com 3 anos, se ajeitava e punha a cadeirinha bem perto para ouvir Vivaldi, Albinoni, Bach, Beethoven e, evidentemente, música brasileira também.”

Gostava de colecionar selos, moedas, pedras, minérios. Qualquer coisa que via, assimilava; na sua memória extraordinária, guardava datas e nomes com muita facilidade. Certa vez, no terceiro ano primário, a professora, estagiária, achando que ia embasbacar os alunos, perguntou o sentido de uma palavra imensa. A classe ficou muda, mas ele imediatamente respondeu e acertou.

Era um menino com visível entusiasmo de viver. Sorria engolindo a vida. Fascinava-o tudo o que tem vida e, sobretudo, a fonte dela, a terra. No seu amor aos animais, queria criar todos. Uma ocasião, doente, quis se ocupar com alguma coisa, então, acamado, foi escrevendo uma lista de animais vertebrados e invertebrados. De outra feita, andando de carro com o pai, entrou uma abelha na perua. Alexandre não titubeou. Pediu que ele parasse para que o bichinho pudesse mais facilmente se soltar.

De família católica, com um tio padre e três tias missionárias de Jesus Crucificado, aos 8 anos fez a sua primeira comunhão, na igreja do Seminário São Carlos Borromeu, bem próximo de sua casa. Lá, várias vezes fazia a proeza infantil de invadi-la, com um primo, e subir na torre, para gozar a aventura de tocar os sinos.

Aos 9 anos, interrogou uma de suas tias freiras, pedindo que lhe dissesse como se pode desobedecer cada um dos mandamentos da lei de Deus. Quando ela terminou a explicação, ficou uns segundos em silêncio e disse: “Se é assim, eu não desobedeço a Deus em nada”. A seguir, teve aquela espontaneidade própria dele, abriu os braços e, num arroubo de intensa alegria no rosto, exclamou: “Ah! Estou sentindo uma felicidade...”. A entonação da voz, o modo como falou

e toda aquela expressão tão sincera pareciam gravar a certeza de que era um cristão eleito.

Aos 10 anos, se encantou com explicações sobre a origem da vida, com seu início no fundo do mar, pelos seres unicelulares, depois os animais herbívoros, até chegar aos vertebrados carnívoros.

Outra característica sua era a disponibilidade para ajudar, em coisas ao seu alcance, a todas as pessoas, tanto os pais como algum hóspede ou visitante. “Precisa de alguma coisa? Diga que eu faço.” E lá ia ele cumprir a tarefa solicitada, uma compra miúda, alguma arrumação em casa, fazer companhia a alguém ou mesmo engraxar os sapatos de algum adulto. Despontava aí, decerto, todo o seu interesse pelo outro. Era exemplar, aliás, sua atenção e respeito pelas empregadas domésticas da família, como se viu, num dia de chuva intensa, em que fez questão de alcançar dona Lourença, que trabalhava na casa de sua avó, para acompanhá-la até a residência dela, com guarda-chuva, numa caminhada de quase uma hora, devido à enorme dificuldade de andar da velha senhora.

Além da paixão pela leitura e das brincadeiras e traquinagens em casa com os cinco irmãos, que o tratavam de Lê, toda tarde livre gostava de chamar os amigos, por telefone, para bater bola no campinho de terra no começo de sua rua. Mais tarde, as partidas passaram a ser de pingue-pongue, em casa mesmo. Era corintiano, apesar da família são-paulina.

Para definir, porém, o perfil de Alexandre, ninguém melhor que sua mãe:

Era um menino especial e eu procurei dar a ele o melhor de mim. Mas a sua correspondência é que foi grande, sabe? Quando o observava, via a sua maneira de agir, eu meditava naquelas palavras: “crescia em idade e graça, diante de Deus e dos homens”. E eu guardava

todas essas coisas no meu coração. Senti, quando ele era ainda pequeno, a grandeza do seu coração, os dotes que o preparavam para ser muito grande. Amava-o extremadamente e respeitava-o profundamente, mas nem de longe poderia supor até onde ele iria e muito menos que voltaria para Deus antes de mim.

E ela completa, em carta a uma irmã, em 5 de outubro de 1975, aniversário de Alexandre:

Você pode imaginar, Helena, o quanto eu tenho para lembrar, hoje, cada minuto vivido, há 25 anos. Todas as minhas impressões fortíssimas do nascimento do meu primeiro filho. O meu enlevo, a minha felicidade e a felicidade que ele me deu, nos seus 22 anos e meio de vida. Vivíamos em harmonia. Éramos uma família muito feliz, muito organizada. Alexandre nunca nos deu uma tristeza, a gente tinha muito orgulho dele. A única tristeza que ele nos deu foi sua morte, que não foi responsabilidade sua.



Alexandre recebendo prêmio na escola